



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

VITÓRIA MARIA DA SILVA

**ESTÁGIO E RESIDÊNCIA EM GEOGRAFIA: ROMPENDO AS ESTRUTURAS
TRADICIONAIS E CONSTRUINDO O SER PROFESSORAL**

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

VITORIA MARIA DA SILVA

**ESTÁGIO E RESIDÊNCIA EM GEOGRAFIA: ROMPENDO AS ESTRUTURAS
TRADICIONAIS E CONSTRUINDO O SER PROFESSORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE-PB
2019**

S586e Silva, Vitoria Maria da.

Estágio e residência [manuscrito] : rompendo as estruturas tradicionais e construindo o ser professoral / Vitoria Maria da Silva. - 2019.

40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de geografia. 2. Estágio supervisionado. 3. Residência pedagógica. I. Título

21. ed. CDD 372.89

VITORIA MARIA DA SILVA

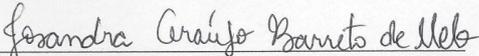
**ESTÁGIO E RESIDÊNCIA EM GEOGRAFIA: ROMPENDO AS ESTRUTURAS
TRADICIONAIS E CONSTRUINDO O SER PROFESSORAL**

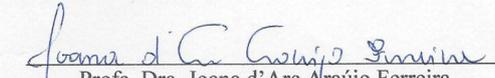
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada em Geografia.

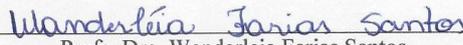
Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 09/12/2019.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Joana d'Arc Araújo Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Wanderleia Farias Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha avó Francisca (*in memoriam*) e a minha mãe Rita Elias da Silva por jamais terem desistido de mim e por fazerem de minhas conquistas às suas vitórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à força superior que sustenta meus passos e me guiou sempre pelas melhores escolhas, pois nada seria eu se não encontrasse apoio na minha crença.

À minha família pelo apoio incondicional. Mãe, irmãos e sobrinhos. Carregar a honra de ser a primeira filha de uma agricultora da zona rural da Paraíba a ingressar num curso superior não é fácil.

À minha orientadora, Profa. Josandra, pela paciência e profissionalismo na orientação deste trabalho, tornando possível sua culminância, e por me ajudar a perceber que minha área de pesquisa é realmente o Ensino de Geografia.

Aos grandes amigos que fiz durante toda a minha graduação. Desde Emilly Alves, Eliandra Dantas, Mayara Lopes e o grupo dos Chupetas, aqueles que seguraram minha mão nas noites em claro. Jerstica Renally e Everton Nascimento, minha família de Campina, Jailton Ferreira Junior, Lizandra Monteiro, Fernanda Soares, Julia Araújo, Leide Galdino, Rumella Soares, Wilian Silva, Sarah Fernandes e Ítalo Nascimento. Uma força essencial para que se cumprissem os dias da minha graduação.

À Taís Rodrigues pela parceria de Residência Pedagógica, nos cursos de extensão e pela motivação em produzir. Amiga dos livros, artigos e da vida.

Aos 4 anos de movimento estudantil, sendo 2 destes à frente do centro acadêmico de Geografia, cheios de vivências e aprendizados, e aos professores do Departamento de Geografia que sempre foram solícitos e parceiros com nossas pautas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“A aula, toda ela, todas elas, deve ser um ato de amor, uma dança, um orgasmo múltiplo, um gozo ensurdecador, uma festa, um ato político, uma manifestação de indignação contra as injustiças.” (SOUSA NETO, **Aula de Geografia**, 2001).

RESUMO

Essa pesquisa tem como principal proposta promover uma análise e também uma breve discussão metodológica acerca do ensino de Geografia nas escolas públicas e como a formação do professor passa por diversas transformações durante a sua construção, refletindo sobre quais as metodologias são aplicáveis durante as aulas e como elas podem variar, de acordo com pontos específicos em sua execução. Destaca-se nesse ponto, o quanto as experiências com os Estágios Supervisionados, disciplinas obrigatórias na grade curricular das licenciaturas em geral, e também, especificamente, a pesquisa e regência desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica, além do desmonte estrutural da educação pública, a desvalorização da profissão docente e o desprezo promovido em relação às Ciências Humanas como principais fatores de enfrentamento, por meio de análises bibliográficas de teóricos sobre ensino de Geografia e Educação em geral, além do relato de experiência de preparação e regência escolar, podem ser cruciais na formação do profissional e da sua identidade de educador; além de uma busca pelo prazer e motivação em ensinar e da sensação de pertencimento à área da educação.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Estágio Supervisionado. Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This work has as main proposal to promote an analysis and also a brief methodological discussion about the teaching of Geography in the public schools of Paraíba and how the teacher formation undergoes several transformations during its construction, reflecting on which methodologies are applicable during the classes. and how they may vary according to specific points in their execution. It is worth highlighting at this point how much the experiences with compulsory supervised internships in the curriculum of the undergraduate programs in general and also specifically the research and conducting developed in the Residência Pedagógica Program, besides the structural dismantling of public education, the devaluation of the teaching profession and the contempt promoted in relations with the humanities as the main factors of confrontation, can be crucial in the formation of the professional and his identity as educator; besides a search for pleasure and motivation in teaching and a sense of belonging to the area of education..

Keywords: Geography Teaching. Supervised internship. Residência Pedagógica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização geográfica da Escola Joana Emília da Silva	17
Figura 2	Entrada da Escola Joana Emília da Silva	18
Figura 3 –	Sala do 6º ano B, a menor sala da escola Joana Emília da Silva.....	20
Figura 4 –	Alunos fazendo leitura em sala	20
Figura 5 –	Corredor que dava acesso à sala do 6ºB	21
Figura 6 –	Alunos do 7ºA durante as aulas	24
Figura 7 –	Alunos do 7ºA durante as aulas	24
Figura 8 –	Maquetes produzidas pelos alunos do 7º A	25
Figura 9 –	Maquetes produzidas pelos alunos do 7º A	25
Figura 10 –	Entrada e pátio da Escola Nila Ferreira	26
Figura 11 –	Entrada e pátio da Escola Nila Ferreira	26
Figura 12 –	Professores, direção e turma do terceiro ano em confraternização	29
Figura 13 –	Localização geográfica do Colégio Dinâmico Infantil.....	32
Figura 14 –	Orientações do preceptor Mozart sobre correção de provas	33
Figura 15 –	Oficina de vídeos e debate em sala durante aplicação de intervenção	34
Figura 16 –	Oficina de vídeos e debate em sala durante aplicação de intervenção	34
Figura 17 –	Arte da campanha promovida pelos alunos nas redes sociais	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	TEORIA X PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR	12
2.1	A formação acadêmica do profissional docente	12
3	ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OS DESAFIOS DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO INICIAL E AS PRÁTICAS A SEREM SUPERADAS	16
3.1	A experiência do Estágio Supervisionado I: observação	16
3.1.1	<i>O primeiro contato com a escola</i>	17
3.2	A experiência do Estágio II: regência	22
3.3	Estágio III: A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Geografia	26
4	RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: PROFESSOR PESQUISADOR	31
4.1	Desenvolvimento e aplicação da intervenção	33
5	CNSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge da necessidade constante de colocar a educação pública e o ensino de Geografia em debate. Não é exatamente recente que, apesar de políticas neoliberais terem sido implementadas no Brasil nos últimos anos do século XX, algumas ações foram tomadas para diminuir as desigualdades sociais e facilitar o acesso à educação em todas as esferas. Desde as mais distantes escolas em comunidades rurais à ampliação de universidades e incentivos à parceria com faculdades particulares aproximaram as classes mais pobres de uma formação minimamente básica e da diminuição das taxas de analfabetismo.

Em contrapartida, a qualidade da educação pública ofertada à população sempre foi questionada e vem sofrendo diversos ataques, que já começam durante a formação do profissional e um desmonte estrutural com os cortes de investimento em pesquisa e extensão por parte do Estado. Além disso, a falta de estrutura física das escolas que recebem os estudantes para estágios e, logo em seguida, para o mercado de trabalho não oferece as melhores condições para o desenvolvimento de atividades de ensino e laboratório e o professor precisa se desdobrar ao máximo para conseguir dar conta do que lhe foi proposto.

Assim também, desde muito cedo a escola é vista como um ambiente que o indivíduo é obrigado a ir, como se ela fosse alheia ao seu cotidiano, ao lugar em que ele está inserido. Os muros e as grades prendendo e punindo, tornando a escola similar a uma prisão, como se pode comparar com as análises feitas por Foucault na obra *Vigiar e Punir*. A escola, então, se torna um espaço de passagem e não de vivência, de estadia, mas não de sentido ou sentimento. Como se não fizesse parte realmente da sua cidade e lá não pudesse estudar seu dia a dia e correlacionar com os conteúdos de Geografia.

Quando se discute a formação de professores no Brasil, não dá para desconsiderar o fato de que só em meados do século XX é que realmente começa o processo de expansão da escolarização básica no país, e de que seu crescimento real em termos de rede pública de ensino vai se dar em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, se considerarmos o número de alunos matriculados no ensino fundamental proporcionalmente ao contingente de crianças e adolescentes na faixa etária correspondente ou próxima. (BARRETO; GATTI, 2009. p. 11).

Então, além de toda uma precarização, o investimento e desenvolvimento de políticas públicas para facilitar o acesso à educação é relativamente recente, assim como mais recente ainda são as políticas voltadas para a formação de professores. Um desses exemplos é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), instituído em 2009 por portaria emitida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(CAPES), e mais recentemente, em 2018, a reformulação do Programa com a implementação do Residência Pedagógica que ambos abrangem cursos de graduação, nas mais diversas licenciaturas. Tal programa promove um incentivo à permanência dos profissionais em formação na universidade, além de contribuir para os custos com o desenvolvimento de pesquisa, seja com recursos didáticos ou até mesmo de deslocamento para as escolas que são receptoras dos bolsistas.

Nessa perspectiva, a pesquisa tem como principal objetivo analisar de forma qualitativa e metodológica as contribuições dos Estágios Supervisionados e a experiência com o Programa Residência Pedagógica como fatores fundamentais da construção dessa identidade professoral, de como se portar como profissional da educação, e lidar com as adversidades enfrentadas no meio docente, principalmente para um professor em formação inicial, objetivando-se assim compreender como tal formação pode ser fluida e heterogênea, podendo seguir diversos caminhos por não se tratar de uma profissão meramente mecânica.

Os objetos de análise partem da observação e regência de estágio obrigatório na Escola Estadual Joana Emília da Silva no ensino fundamental e também na Escola Municipal Nila Ferreira com a modalidade EJA, ambas no município de Fagundes-PB, e do desenvolvimento de regência no ensino médio e pesquisa na Residência Pedagógica na Escola Estadual Francisco Ernesto do Rêgo em Queimadas-PB, que são cidades vizinhas, do interior da Paraíba, mas com realidades educacionais diferentes, além do fator da diferença populacional que faz Queimadas possuir pelo menos três vezes mais os cerca de 12 mil habitantes de Fagundes.

Dessa forma, este trabalho justifica-se por abrir margem para uma discussão sobre educação e as primeiras impressões do fazer docente, além de buscar entender as relações espaciais, culturais e socioeconômicas que englobam os corpos discente e docente e suas consequências no cotidiano escolar, entendendo suas faces como um produto do espaço metamorfoseado por suas raízes e evoluções constantes.

2. TEORIA X PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

2.1. A formação acadêmica do profissional docente

Muito do que é debatido nas licenciaturas tem seu norte apontado para a realidade da educação nos dias atuais, as complicações docentes e discentes e a falta de estrutura das escolas. Dentre essas discussões, um ponto que acumula diferentes opiniões é a divergência entre teoria e prática. A visão que mais se propaga é de que a vivência em sala de aula abordada nas universidades difere totalmente da realidade, chegando a ser utópica.

Na academia é exibido um perfil muito diferente do real, em que existem professores desmotivados, despreocupados com os conteúdos aplicados e totalmente indiferentes à aprendizagem dos alunos que, muitas vezes, pouco se interessam pelos estudos. Vale salientar também uma quase que total falta de estrutura das escolas tanto em suporte docente quanto de abrigo para o alunado, principalmente em instituições de rede pública.

Tratar da formação docente em si requer grandes reflexões, principalmente se forem levados em conta todos os pontos negativos que são expostos diariamente, mostrando uma realidade complicada para os professores. Para Pimenta (2012), discutir a profissão e profissionalização docentes requer que se trate da construção de sua identidade. Então, como criar uma identidade positiva se todos os elementos apresentados levam à construção do contrário? Ainda para Pimenta (2012):

(...) a formação envolve um duplo processo de reelaboração constante dos saberes que realizam em sua prática, confrontando suas experiências nos contextos escolares, e o de formação nas instituições escolares onde atuam. (PIMENTA, 2012, p. 44).

A identidade é construída aos poucos, principalmente com a vivência, análise e comparação de teoria e prática. Um profissional em formação que encontra empecilhos já na graduação, desde o professor que trata com desleixo a disciplina que ministra, à preguiça, à falta de motivação e falta de valorização da própria área de licenciatura, ou então que recebe as melhores aulas na academia e quando se depara com os estágios sofre um impacto ao encontrar uma realidade diferente da que imaginou. Como se construirá essa identidade? Positivamente, espera-se que ele queira construir uma identidade diferente. Espera-se que ele se sinta incomodado com aquela situação vivenciada e queira transformá-la em algo totalmente diferente.

Porém, no pior dos casos, ele se acomoda e se agrega no âmbito de mero servidor público, que cumpre sua função mecanicamente, visando apenas o salário (pouco motivador) como recompensa pelo trabalho executado.

Segundo Manoel Fernandes (2005), esse olhar depreciativo da profissão proporciona certa *desidentificação* com o que se faz e gera, não raro, a elaboração de uma identidade negativa. Principalmente quando o profissional professor lida com jovens de diferentes cidades, personalidades, formas de estrutura familiar e/ou sem estímulo para estar em sala de aula, pois o professor também é humano.

É preciso foco. É preciso mudar a realidade que estamos. Que os profissionais em formação, mesmo diante de tantas e tantas situações negativas, não desanimem no processo de mudança, pois não é algo fácil e nem bem pago. A respeito dos baixos salários convém citar Manoel Fernandes, quando afirma que:

Em princípio porque só defendemos aquilo com que nos identificamos de maneira positiva. Depois porque o elemento de coesão identitário muitas vezes utilizado para soldar ações comuns nada tem a ver com a profissão, já que os baixos salários não são privilégio apenas dos que exercem o ofício de professor. (SOUSA NETO, 2005, p. 257.).

Partindo deste princípio, deixando-se de lado um pensamento individualista e de auto demérito da profissão, é possível enriquecer e fortalecer a luta por melhores salários, melhores condições de aplicabilidade dos conteúdos e também uma melhor convivência com aqueles que fazem parte da escola, pois na sociedade contemporânea não somente os profissionais da educação se sujeitam aos baixos, mas uma grande massa em diferentes setores e funções.

Os modelos educacionais atuais formam cidadãos para o mercado de trabalho. Os cursos superiores são alcançados por meio de um funil estreito e que poucos conseguem passar. O restante cai no mercado de trabalho (quando consegue) e se torna apenas mão de obra mal remunerada. Isso é confirmado quando notamos a presença de inúmeras faculdades oferecendo cursos técnicos e as universidades sofrendo evasão. Muitos alunos, mesmo já estando na universidade, optam por esses cursos para conseguir um emprego e poder se sustentar. Para Rubem Alves (1994), a educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante e para fazer acordar esse potencial é preciso despertar a alegria de estudar, de compreender e aprender. Ainda segundo ele:

Os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, a partir dos seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos. (ALVES, 1994, p. 14).

Levando isso para o campo da licenciatura, a precarização é evidente. O professor no Brasil é altamente desvalorizado e isso faz com que a evasão nos cursos de licenciatura seja ainda maior. Ou então, professores se formam, mas para serem apenas profissionais. Cumprir a carga de aulas, de forma mecânica, para conseguir o salário no final do mês, e apenas. Assim, tornando a prática de ensino algo monótono e desestimulante. E quando a escola não tem a mínima estrutura e a família joga a criança lá dentro e vira às costas, os efeitos são ainda mais graves e refletem no modelo de sociedade configurado.

Ser professor não é uma lida fácil. Muitas portas se fecham em escolas que, muitas vezes, nem portas possuem em suas salas. A oferta é relativamente grande, porém mal remunerada e a concorrência é ampla. Entretanto, nem sempre todos que procuram essa área querem lecionar por prazer, mas por pura necessidade; e isso existe em qualquer campo profissional. É necessário ter consciência disso. A teoria já difere da prática no campo da licenciatura por se tratar de pessoas. Nenhum manual pré-escrito, com dicas pré-estabelecidas, irá prever o que acontecerá numa sala de aula com mais de 30 alunos, por exemplo. São 30 mentes diferentes, com visões diferentes, vivendo realidades diferentes, encaixando-se também à mente do próprio profissional que, certamente, teve experiências de vida que aqueles meninos jamais tiveram.

A formação dos professores se configura como uma preocupação central nesse sentido. Mais do que instruir, eles devem educar, entendendo educação como a preparação para o exercício consciente da cidadania que se faz atuando politicamente na transformação social. O problema é que grande parte dos professores tem como principal orientação o domínio do conteúdo e das técnicas, restringindo sua função ao cumprimento do programa de ensino. (BONA, 2008, p.7).

Sentir prazer no que faz é a principal arma nessa luta. Para Manoel Fernandes (2001), o profissional docente, que é professor por amor, vive numa celebração diária, pessoal e coletiva, que transforma cada ato, mesmo nos dias mais difíceis, em uma reafirmação da escolha feita em certa altura da existência. É preciso buscar esse rompimento do que se espera, do que já vem engessado de um tradicionalismo arcaico que de que a Geografia é uma disciplina de definições passíveis de se decorar, como se fosse algo sólido e nada pudesse ser questionado. Sendo assim,

A Geografia como disciplina escolar, tem como objetivo contribuir para a formação integral dos educandos. O papel dessa área do conhecimento é refletir, compreender, observar, interpretar e saber pensar o espaço geográfico, que é um produto histórico, que revela as práticas sociais das pessoas que nele convivem. Esse espaço geográfico pode ser lido e entendido de diferentes formas. (PUNTEL, 2007, p. 285).

Assim, é necessário sempre correlacionar as vivências com os conteúdos. Entendendo que o lugar, a casa, as relações afetivas e a troca de experiências entre os indivíduos além da sala de aula e da escola estão ligadas com a Geografia, que o conteúdo do livro didático, a atividade de avaliação, o dia a dia na busca pela média de aprovação, etc., não estão alheios ao que precisamos enquanto cidadãos e sociedade que se relaciona entre si.

3. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OS DESAFIOS DE UM PROFESSOR EM FORMAÇÃO INICIAL E AS PRÁTICAS A SEREM SUPERADAS

3.1. A experiência do Estágio Supervisionado I: observação

O Estágio Supervisionado é a fase mais importante da vida acadêmica de qualquer licenciando. É durante o estágio que as primeiras experiências são construídas e, a partir de então, a postura de cada um enquanto professor é posta à prova, construindo e fixando sua identidade. É quando se propõe uma reflexão sobre práticas pedagógicas, sobre como se portar dentro e fora da escola, e quais os impactos que uma posição dessas na vida de diversificados alunos pode influenciar positiva e negativamente.

MORIN (2011) afirma que os professores devem ensinar os alunos a serem seres sociais que praticam a tolerância, que saibam respeitar as diferenças dos demais e possam compreendê-las. Isso é muito importante para a prática docente. Cada aluno possui uma história de vida diferente, uma rotina social e possui características tanto físicas quanto psicológicas muito singulares.

Infelizmente, a situação da educação brasileira de um modo geral não está nada agradável. A falta de comprometimento com a melhoria da mesma varia desde a escala administrativa em todas suas divisões até o próprio aluno. É preciso, então, se trabalhar uma prática que incentive e estimule a tolerância e compreensão por parte dos alunos, que não torne a construção do currículo escolar como meramente um instrumento que sirva como engrenagem para o mercado de trabalho. A esse respeito, convém citar Albino (2016), quando afirma que:

Em um mundo de burocratas e relações racionalizadas, previstas em lei, não é difícil entender a importância do treinamento e das instituições de ensino. De certo modo, mais do que educar para a cidadania crítica, como muitos costumam dizer, parece que a educação atende aos interesses de outra configuração. Ela não forma para a vida, mas sim para a burocracia moderna. (ALBINO, 2016, p. 94).

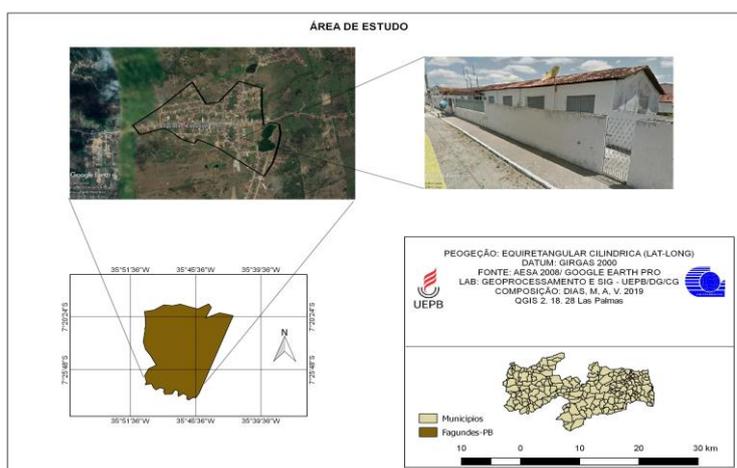
Mediante a configuração citada, como conseguir que estudantes se interessem pela licenciatura em meio a tantos desafios? Como superar os limites do próprio corpo para conseguir atuar no meio docente e se sobressair às rotinas diárias, convivendo com outras pessoas? A experiência do primeiro estágio serviu para compreender muitas coisas e a primeira delas foi identificar como funciona a dinâmica escolar, provocando a reflexão do que se pode mudar, fazer igual ou revolucionar dentro da sala de aula.

Essa questão educacional é um tanto delicada de ser tratada. Como formar professores que sejam esperançosos? Sim, pois não basta somente formar professores, mas também é preciso formar professores que queiram mudar o cenário atual. Professores há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. (ALVES, 1980). Logicamente, a questão vai muito mais além, porém professores que não têm amor à docência tornam o meio um tanto ruim de trabalhar. Encaram o dia a dia em sala de aula como algo tedioso e simplesmente obrigatório. Como tornar uma aula proveitosa e chamativa para os alunos se o próprio professor não gosta do que faz? É preciso ser, antes de professor, um educador. Rubem Alves (1980) ressalta que educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. É preciso investir em profissionais que estejam dispostos a mudar, que tenham esperança em dias melhores e que pretendam encarar com mais satisfação à rotina da sala de aula, profissionais que queiram realmente dar aula e não estejam trabalhando por motivos adversos.

Além disso, o estágio serve como experiência para quem nunca sequer imaginou a si mesmo encabeçando uma sala de aula, como professor e formador de opinião. O professor deve saber ponderar as coisas, manter-se firme diante das adversidades e limitações encontradas dentro e fora da sala de aula para não cair na monotonia, para não se tornar um profissional frustrado. As gerações futuras dependem de bons professores. As mudanças na sociedade dependem disso. O universo docente vai muito além do universo de uma sala de aula ou mesmo da escola. O que é ensinado lá dentro é aplicado na vida cotidiana.

3.1.1. O primeiro contato com a escola

Figura 1 – Localização geográfica da Escola Joana Emília da Silva



Fonte: DIAS, Marcos Antônio Vieira, 2019.

A Escola Joana Emília da Silva possui uma estrutura boa, se comparada a outras escolas da rede estadual, pois apresentava instalações em bom estado, com cadeiras e lousas recém compradas, porém ainda necessitava de muitas ferramentas para desenvolver um bom sistema educacional, visto que, durante o período do estágio em 2016, os professores eram limitados apenas à vivência em sala (mesmo com quadros e cadeiras em bom estado) com laboratório de informática fechado e as aulas de Geografia possuindo como recursos didáticos apenas alguns mapas. Funcionava nos turnos da manhã, tarde e noite.

Apesar de pequenas oscilações, os alunos que frequentavam a escola provinham de famílias com baixo poder aquisitivo e, dentre eles, alguns sobreviviam apenas com programas federais, como o Bolsa Família, Seguro Safra e aposentadoria dos avós agricultores. Somente esse fato já faz com que, enquanto estagiária, seja repensada a forma de como executar o estágio e como aplicar a teoria na prática. Muitos alunos nunca saíram da própria cidade para uma vizinha, então os conteúdos e reflexões propostas em sala deveriam acompanhar o nível de compreensão de cada um; e isso é bastante difícil de articular. Havia um suporte louvável quanto a merenda, mas, em contrapartida, dispunha de uma direção alheia aos alunos. Eram três diretores, sendo que apenas uma participava mais ativamente do dia a dia do corpo docente, preocupando-se quanto as aulas e quanto ao comportamento das turmas.

Figura 2 – Entrada da Escola Joana Emília da Silva



Fonte: SILVA, 2016.

No período de 21 de março até meados de abril de 2016, quando começou o estágio de observação da turma de 6º ano B do ensino fundamental, com 28 alunos no turno da manhã, a escola estava em temporada de provas. Portanto, alguns dias da observação foram prejudicados, visto que os turnos de aulas foram voltados para a aplicação de todas as provas e recuperações. Além disso, esse período foi marcado por paralisações de greve geral de luta pela educação. Como consequência, poucos conteúdos foram aplicados, a maioria apenas fazendo parte de dinâmicas de revisão. Os alunos corrigiam em sala os exercícios no decorrer dos dias e debatiam dúvidas recorrentes.

Eles mostraram-se ansiosos com as provas que estavam por vir, tanto o teste para composição da segunda nota quanto para a prova que equivale à terceira nota. Mesmo sem muitos recursos, foi visível que os conteúdos sobre paisagem e território, os quais estudaram durante aquele bimestre, foi bastante aproveitado e recebido com interesse por parte dos alunos, mesmo que alguns não tenham feito os exercícios e copiado de outros colegas enquanto a professora fazia a chamada.

O conteúdo do livro didático voltado para os temas propostos durante as aulas não dispunha de muitas ferramentas para uma melhor compreensão dos alunos, deixando-os em dúvida em relação às palavras utilizadas em seus textos durante as leituras, além explicar de forma vaga as definições nele presentes, estimulando à memorização. A professora por vezes parava a aula para explicar a definição de determinados termos. Após o período de provas, foram desenvolvidas discussões relacionadas a limites e fronteiras, além de representações espaciais. Tais conteúdos foram mais bem vistos pelos alunos, que demonstraram animação quando a professora sugeriu a construção de uma planta da casa de cada um como atividade a ser entregue em aula posterior.

Esses conteúdos já foram mais bem correlacionados com a vivência de cada um, utilizando de exemplos que todos (ou a maioria) conheciam e trazendo um pouco do que está fora dos muros da escola para dentro dos conteúdos propostos pelo livro didático. As aulas passaram a ser mais dinâmicas e proveitosas, contando com leitura em grupo e certo abandono das definições pré-estabelecidas pelos autores que desconheciam quaisquer centímetros da realidade daqueles alunos. Os exercícios sugeridos já buscavam maior opinião pessoal, fazendo com que os alunos pensassem e refletissem mais acerca dos conteúdos do que simplesmente decorá-los em respostas prontas a serem transcritas para o caderno. A Figura 3 apresenta a turma do 6º ano B, na qual o Estágio I foi desenvolvido.

Figura 3 – Sala do 6º ano B, a menor sala da escola Joana Emília da Silva.



Fonte: SILVA, 2016.

A turma era composta por cerca de 30 alunos, na faixa etária entre 10 e 12 anos, todos residentes na zona urbana, visto que os alunos da zona rural estudam no turno da tarde. O uso do livro didático foi constante. A leitura também foi muito presente.

Figura 4 – Alunos fazendo leitura em sala



Fonte: SILVA, 2016.

Porém, além do uso, às vezes cansativo, do livro, a professora provocava a discussão em sala envolvendo toda a turma. Os alunos, pouco dispersos, em maioria demonstraram bom comportamento, participando ativamente da aula, questionando e colaborando com sua própria vivência associando-a com o tema das aulas. Mesmo assim, a contextualização com o cotidiano dos alunos ainda não foi suficiente, visto que a professora conhece bem a realidade

de cada um, reside na cidade, e não propôs nenhuma exemplificação direta com o que se passava ao redor, reproduzindo assim uma dinâmica repetitiva em sala, fazendo com que as aulas se resumissem em uso do livro didático, explicação do conteúdo, mesmo com participação oral dos alunos, e exercício proveniente do mesmo livro, geralmente do final do capítulo.

A sala em que o 6º ano B foi alocado não era tão confortável, faltava uma ventilação adequada, pois a única provinha da própria porta, sem janelas, e não possuía muito espaço, o que tornava a aula sempre complicada quando todos os alunos estavam presentes.

“(…) Então, os grandes problemas que um docente enfrenta muitas vezes podem ser provenientes, evidentemente, de um ambiente hostil, mais hostil ainda quando trabalha com pessoas diversas.” (STOBAUS e MOSQUERA, 2004).

Além disso, a última reforma não aparentava ter sido recente. A Figura 5 apresenta a precariedade da localização da sala de aula na escola.

Figura 5 – Corredor que dava acesso à sala do 6ºB



Fonte: SILVA, 2016.

E essa era uma realidade considerada boa se comparada às outras escolas da cidade, principalmente, se fossem usar como comparativo as escolas da zona rural. E o estágio de observação provoca de fato essa análise. Física, estrutural e dinâmica da escola. No Estágio I, construindo as primeiras impressões sobre a rotina escolar agora na visão de professora em formação, foi possível elencar os primeiros passos na identificação professoral.

É o momento de levantar os pontos, fazer críticas e avaliar o que fazer para melhorar, oferecendo uma base, mas na regência é que a chave é virada.

3.2. A experiência do Estágio II: regência

O Estágio Supervisionado I consiste em observação das aulas de Geografia e do contexto escolar em geral, com uma visão crítica, visto que o estagiário não pertence mais ao alunado das escolas de base, mas está se preparando para atuar na mesma. É um processo de avaliação mais pessoal e de modo que não tem muita influência para terceiros. Entretanto, o Estágio Supervisionado II difere totalmente disso. O segundo estágio é voltado para a regência e desenvolvimento de um projeto de intervenção a partir da identificação de uma lacuna no ensino de Geografia e da possibilidade do estagiário contribuir para preencher a mesma. E como se portar diante disso? Como ser professor de primeira viagem? Como colocar em prática a teoria vista em contexto acadêmico?

Para Pimenta (2011), o papel da teoria é oferecer as perspectivas de análise dos contextos históricos, sociais, culturais, e etc., para que venha a neles intervir e transformar. O homem constrói o lugar enquanto é construído por ele, através de heranças culturais passadas, numa continuidade de eventos e (...) os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características (SANTOS, 2006). Assim, sem perder o teor crítico, o estagiário deve buscar ao máximo associar teoria com a prática, mesmo com as dificuldades encontradas. E, para um professor novato, as dificuldades são assustadoras. No contexto escolar da Escola Joana Emília não foi diferente, apesar de ser uma escola pequena de cidade do interior do Estado.

Ainda nessa escola, dessa vez com a turma do 7º ano A especificamente, o desafio foi complicado. A turma era composta por 34 alunos, entre 11 e 16 anos, formada em sua maioria por meninas, e bastante heterogênea. Durante um questionário aplicado informalmente em primeiro momento, o diagnóstico principal foi que 70% da turma não gostava muito de Geografia e os outros 30% consideravam a disciplina uma das melhores, mas que não estava entre as preferidas. Mais um desafio enquanto professor de primeira viagem. Ser professor dentro da conjuntura atual da educação brasileira é uma tarefa muito complicada, principalmente no campo de estágio, associada com a inexperiência. Durante o período de vivência na Escola Joana Emília, notou-se um desinteresse quase que total por parte dos alunos pelas aulas de Geografia.

Mas, ao entrar em contato com uma instituição de ensino, conversar com outros profissionais da área e buscar orientação, torna-se possível desenvolver um estágio razoável ou até bom porque o desenvolvimento desse processo é possibilitado pela atividade de pesquisa, que se inicia com a análise e a problematização das ações e das práticas,

confrontadas com as explicações teóricas sobre essas (PIMENTA, 2011). O que fazer quando a teoria não é o suficiente para mudar o cenário e conseguir aplicar um projeto? A culpa da má fase que a educação brasileira passa é somente algo que vem do Estado? As instituições funcionam como um corpo em que uma parte depende da outra; quando uma dessas partes se torna falha, o conjunto todo sofre.

Aplicar um projeto de intervenção, então, tornou-se o principal desafio. O professor deve fazer de sua aula um verdadeiro espetáculo para prender a atenção dos alunos ou o desejo de aprender deve ser papel de todos? Afinal, o bom professor nunca deixa de ser aluno e está em constante aprendizado. Mas quando uma turma não está minimamente interessada em buscar aprendizagem, a construção de um bom conhecimento se torna nula. Mesmo que a temática seja tão fácil de debater, como foi a questão de relevos e recursos hídricos brasileiros.

Nesse contexto de avaliações é que se pensa nas práticas pedagógicas. Quais os métodos utilizar e como criar situações que possam gerar uma avaliação dos alunos e de seu potencial de aprendizagem? São 34 mentes diferentes, com realidades diferentes e com vivências e inteligências diferentes. Convém citar Gardner (2010) a esse respeito:

As pessoas não nascem com uma determinada quantidade de inteligência, que serviria como espécie de limite. Cada um de nós tem potenciais dentro do espectro da inteligência. Os limites de realização desses potenciais dependem da motivação, da qualidade do ensino, dos recursos disponíveis e assim por diante. (GARDNER, 2010, p. 12-36).

O conceito de inteligências múltiplas foi o melhor a ser aplicado nesse contexto avaliativo. Tendo em vista as dificuldades, falta de interesse, de estrutura escolar, de incentivo por parte de outros professores e até da direção, o melhor caminho foi avaliar os alunos, de acordo com seu potencial para desenvolver suas habilidades com determinados recursos. Assim, utilizou-se diversos recursos didáticos, como música, desenhos, produção textual, além de aulas em forma de debate para que o processo de avaliação fosse mais fácil, porém não foi.

Todos os recursos utilizados não foram bem aceitos e tratados com desprezo. Nenhuma das alternativas parecia ser possível de aplicar, pois eles não consideram uma estagiária como professora. Não era aceitável por ainda ser uma estudante universitária, que não era funcionária da escola, e que estaria ali por um curto período de tempo. As figuras 6 e 7 apresentam a turma do 7º ano A:

Figuras 6 e 7 – Alunos do 7ºA durante as aulas



Fonte: SILVA, 2016.

O importante é buscar sempre bases teóricas de aprimoramento de técnicas e formas de mudar o quadro. Embora a teoria em algumas circunstâncias careça de avaliação, vale salientar a importância de buscar leitura de textos científicos ou não sobre estágio, encontrar dificuldades que outros estagiários passaram em sua formação e nesse embasamento teórico procurar entender como lidar durante o estágio.

Precisou-se então buscar uma alternativa viável. Não comum a todos, mas pelo menos para a maioria. As demais avaliações não foram excluídas, então tudo faria parte da avaliação. A construção de maquetes foi a estratégia desenvolvida e bem aceita por todos, o que surpreendeu a mim, enquanto estagiária, pois, mesmo com todos os contratemplos e basicamente nenhuma ferramenta, consegui desenvolver um projeto e o resultado veio de maneira satisfatória.

É importante ressaltar que o planejamento foi essencial para escolher a estratégia mencionada, pois:

O significado do termo planejamento é muito ambíguo, mas no seu trivial compreende a idéia de que sem um mínimo de conhecimentos das condições existentes numa determinada situação e sem um esforço de previsão das alterações possíveis dessa situação, nenhuma ação de mudança será eficaz e eficiente, ainda que haja clareza a respeito dos objetivos dessa ação. Nesse sentido trivial, qualquer indivíduo razoavelmente equilibrado é um planejador. [...] Não há uma ciência do planejamento, nem mesmo há métodos de planejamento gerais e abstratos que possam ser aplicados à variedade de situações sociais independentemente de considerações de natureza política, histórica, cultural, econômica etc. (AZANHA, 1993 p.70-78).

De modo geral, a aplicação da estratégia teve um resultado positivo. Foi perceptível que todos trabalharam em conjunto e atingiram a meta proposta. Mesmo que nas demais atividades a turma tenha mostrado conhecer pouco dos conteúdos propostos, quanto às

apresentações dos projetos de maquetes foi interessante e resultou numa boa discussão acerca do racionamento de água na própria cidade e medidas que possam a vir ser tomadas como solução. As figuras 8 e 9 apresentam as maquetes produzidas pelos alunos

Figuras 8 e 9



Fonte: SILVA, 2016.

O estágio foi concluído com êxito, embora sem o sucesso esperado. Mas esse tipo de vivência é de extrema pertinência para a construção do “ser professor”. É interessante que já no estágio o licenciando vivencie situações conflituosas para que compreenda os dois lados da docência como profissão. É relevante mencionar que embora tenha sido proposta a realização do projeto e ele dado lugar apenas a uma estratégia, isso foi fruto da realidade. A esse respeito:

Precisamos distinguir a flexibilidade de frouxidão: é certo que o projeto não pode se tornar uma camisa de força, obrigando o professor a realizá-lo mesmo que as circunstâncias tenham mudado radicalmente, mas isto também não pode significar que por qualquer coisa o professor estará desprezando o que foi planejado. (VASCONCELOS, 2000, p.159)

Essas adaptações necessárias ao contexto da turma servem para comprovar que a construção e o fortalecimento da identidade do professor acontecem já durante o estágio (PIMENTA, 2011) e situações como essa reforçam as dificuldades maiores que virão quando o processo de graduação for concluído e o profissional da licenciatura iniciar seu processo como profissional do mercado. E, dentro desse contexto, sua identidade continua a ser construída, pois não se trata de um processo finito. A identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe legitimar.

O processo de formação do profissional professor, daquele que busca ser um bom professor, além de simplesmente funcionário, não é fácil e requer maturidade. Ser professor, além de ensinar conteúdos e propor debates, é superar desafios diários. É repensar seu cotidiano e sua postura diante dos demais. O professor pode inspirar os alunos positiva e negativamente e suas ações têm impactos consideráveis na formação de cada ser cidadão, o qual se chama aluno dentro de uma sala de aula.

3.3. Estágio III: A Educação de Jovens e Adultos e o Ensino de Geografia

O terceiro e último Estágio foi desenvolvido numa escola municipal. A Escola Nila Ferreira está localizada na Av. Irineu Bezerra, S/N, no centro de Fagundes-PB. É a única escola da zona urbana que abriga todas as séries do fundamental I (pela manhã) e II (à tarde), funcionando também EJA no turno da noite, que é a única modalidade que abriga o ensino médio. A escola possui um corpo discente de, pelo menos, mil e duzentos alunos, dispostos nos três turnos respectivamente. Os docentes ultrapassam o número de 30, sendo 13 destes especificamente para a noite.

A estrutura física é mal planejada e sem muita acessibilidade para deficientes físicos. Dispunha de 10 salas no bloco principal e mais 12 no anexo construído mais recentemente. As turmas do ensino médio ocupavam respectivamente três salas, uma para cada série. A escola possui uma biblioteca, sala de vídeo, até um pequeno consultório odontológico, porém sucateados em virtude de má gestão administrativa. Os alunos que frequentavam a escola vinham de famílias com baixo poder aquisitivo, talvez até mais baixos que os da escola dos estágios anteriores. No turno da noite, especificamente, alguns alunos se deslocavam da zona rural por meio de caminhões pau de arara ou com veículos próprios. As figuras 10 e 11 apresentam aspectos da estrutura da Escola:

Figuras 10 e 11: Entrada e pátio da Escola Nila Ferreira



Fonte: SILVA, 2017.

A escola contribuía de forma mediana para a comunidade fagundense, com alguns projetos efetuados durante épocas específicas, como em gincanas ou mostras pedagógicas, mas nada que surtia muito efeito.

Ao se deparar com uma turma de EJA as dificuldades parecem triplicar de tamanho. Não é de nenhuma forma parecido com o ensino regular, entre muitas aspas, e requer do professor uma postura demasiada diferenciada. Os conteúdos são enxugados ao extremo, como se fosse mais importante que o aluno saiba que aquilo existe e dali não aprofundar em mais nada, pois o tempo não permite. As aulas são preparadas da mesma forma, apesar disso, se adequando a cada perfil de turma, mas o desenrolar dela jamais será comparado. Estamos lidando com alunos fora da faixa etária comum para estar cursando aquela série, geralmente um público mais velho, que passa o dia inteiro trabalhando, que está ansioso esperando a merenda e que muitas vezes é a única refeição que vai fazer naquela noite. Ser professora de turmas noturnas nunca será uma tarefa fácil e ainda mais sendo uma professora que nunca tinha dado aula no ensino médio e de uma disciplina não muito valorizada na “hierarquia escolar”, pois História, Geografia, Filosofia e Sociologia são comumente tratadas com desprezo, conforme colaciona Resende (1986):

Nesta área, quando o aluno é reprovado, para citar um exemplo, geralmente o fato é atribuído à incompetência do professor ou ao seu exibicionismo. Ao passo que as matérias “técnicas” são consideradas necessárias, exige raciocínio e frente a elas não adianta decorar (RESENDE, 1986, p. 16).

E eu comecei já sendo professora titular. Cinco turmas, mais de 80 alunos (incluindo fundamental) e uma carga horária alta. Como ser professora de pessoas que estavam se preparando para deixar o colégio e se tornarem cidadãos ativos? Como prepará-los para o futuro? Como ser uma professora qualificada, se nunca havia feito um teste se realmente conseguia dar aula ao ensino médio? São pequenas coisas que se acumulam e se tornam gigantes diante do que o profissional docente pode suportar.

Sobre essa problemática, Belo e Monari (2012) consideram a importância da formação em Geografia para a compreensão da realidade:

O trabalho pedagógico é, indiscutivelmente, necessário e importante à formação do cidadão. A Geografia, então, é uma disciplina que contribui com esta formação, pois traz em sua grande abrangência em relação às diferentes áreas do conhecimento o respaldo necessário à compreensão do homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico (BELO e MONARI, 2012, p. 66).

O professor não deixa de ser um ser humano, com toda sua singularidade e especificidades físicas e sentimentais, e, portanto, é tão vulnerável aos agentes externos como os demais ao redor. E, por causa disso, deve entender que as pessoas ao redor também passam por coisas similares ou ainda mais intensas. A relação de troca é indispensável, seja entre aluno e professor, professor e professor ou professor e instâncias maiores.

E, nesse meio, também lidar com o fato de ser uma mulher jovem, inexperiente, sendo professora de pessoas bem mais velhas, passando por dificuldades que um estagiário de mesmo nível e idade não passaria sendo homem, tendo em vista que o machismo e a violência de gênero ainda assolam nossa sociedade e enquanto professores estamos sujeitos à isso. A respeito dos desafios decorrentes da condição da mulher, é conveniente mencionar:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (Saffioti, 1987, p.8).

E, ainda assim, passar por cima do papel social esperado. Buscar representar um gênero, uma sexualidade, fazer a valer a premissa de que a aula de Geografia é um ato político, de representatividade também, e atuar na EJA foi importante para buscar romper os preconceitos e discriminações que aquelas gerações mais velhas reproduziam por pura construção social. E, por isso, para Lacoste (1988), a Geografia serve para fazer a guerra:

é importante hoje, mais do nunca, estar atento a esta função política e militar da geografia, que é sua desde o início. Nos dias atuais, ela se amplia e apresenta novas formas, por força não só do desenvolvimento dos meios tecnológicos de destruição e de informação, como também em função dos progressos do conhecimento científico. (LACOSTE, 1988, p. 30).

Aplicar uma intervenção nesse contexto foi uma questão posta à prova e que, infelizmente, foi inviável. Dessa vez, definitivamente, tanto pela própria questão estrutural quanto pelo conjunto, mas isso não tornou a experiência menos proveitosa. Foram aplicadas algumas atividades com o intuito preparatório para o ENEM 2017, mas um projeto em si não pôde ser colocado em prática. Porém, o projeto de intervenção em si não define a composição do estágio, muito menos estrutura por si só a identidade do professor. Ele é apenas uma ferramenta.

A intervenção foi atingida no dia a dia, com debates expositivos, estudos dirigidos, discussões sobre temas da Geografia, da sociedade, possíveis temas que poderiam ser usados

no ENEM e em concursos. Discussões sobre as vivências, sobre mercado de trabalho e sobre a importância da permanência daqueles alunos dentro da escola, como aquilo seria benéfico não somente como alimento para o currículo, mas também como seria libertador para a vida cotidiana, mesmo com tempo reduzido e os conteúdos trabalhados de forma aligeirada. Mesmo assim, sempre foi importante garantir a permanência deles, além do baixo salário e da precarização da escola que abrigava todas aquelas relações de troca. A figura 12 mostra alguns agentes participantes da experiência do Estágio Supervisionado III:

Figura 12 – Professores, direção e turma do terceiro ano em confraternização



Fonte: SILVA, 2017.

Mesmo que existam muito alunos desinteressados – e isso é um fato gritante – o professor deve cumprir sua função, igualmente. Como manter a vitalidade de um ambiente escolar se tanto os alunos quanto o professor são desinteressados pelo que estão fazendo?

Manoel Fernandes defende que:

A aula, toda ela, todas elas, deve ser um ato de amor, uma dança, um orgasmo múltiplo, um gozo ensurdecador, uma festa, um ato político, uma manifestação de indignação contra as injustiças. Aqueles que não veem isso em uma aula, aqueles que jamais se arrepiaram com as descobertas de um de seus alunos, aqueles que jamais souberam o que é velar à noite as palavras do dia seguinte, jamais saberão, jamais sentirão o prazer que a profissão de professor pode proporcionar. (SOUSA NETO, 2001).

É preciso amar o que faz. O professor deve saber pesar as coisas, manter-se firme diante das adversidades e limitações encontradas dentro e fora da sala de aula para não cair na mesmice, para não se tornar um profissional frustrado. As gerações futuras dependem de bons

professores. As mudanças na sociedade dependem disso. O universo docente vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula ou dos muros de um colégio. O que é ensinado lá dentro é aplicado na vida cotidiana. E o que está sendo aplicado? Como está sendo trabalhado? Será que os professores ainda gostam do que fazem ou a docência perdeu seu encanto? É preciso que as instituições formem profissionais motivados e que o mercado corresponda às expectativas mínimas de trabalho e ferramentas para garantir que a educação não seja tratada como puramente um gasto para o governo.

4. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: PROFESSOR PESQUISADOR

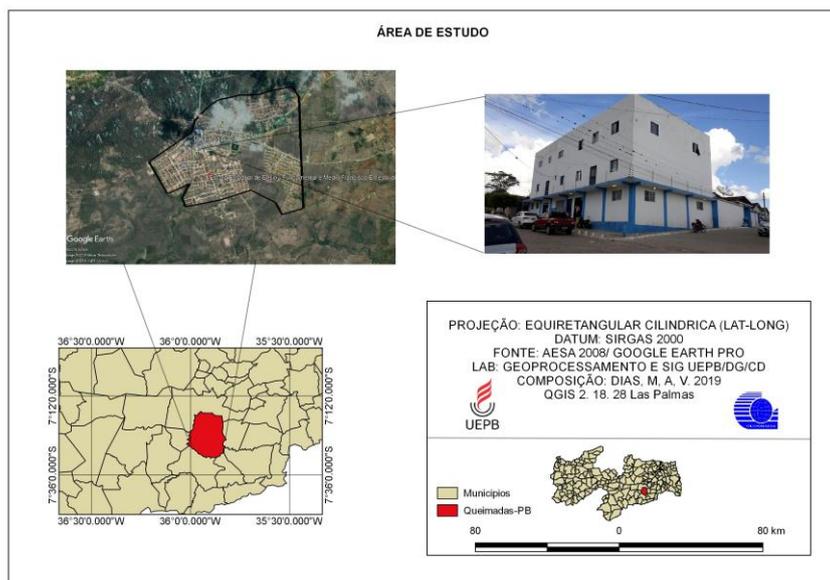
O Programa de Residência Pedagógica é uma das obras que agregam a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo auxiliar no aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, causando um mergulho do estudante de graduação nas escolas de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. E assim desenvolver a regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área do licenciando e orientada por um docente da sua instituição de formação.

A experiência com o Residência Pedagógica é bastante válida para qualquer que seja o professor em formação. Os Estágios Supervisionados já obrigatórios na grade curricular são importantes e, como visto, conseguem nortear o graduando, mas a Residência Pedagógica promove uma visão única, singular, e mais científica sobre a construção da identidade do professor. Ela é como um filtro mais seletivo de teste vocacional, haja vista o modelo diferenciado de participação e da proximidade mais intensa do seio escolar e das vivências que as paredes e muros de uma escola podem abrigar.

Com o Residência Pedagógica, no subprojeto de Geografia, pudemos vivenciar de perto as dificuldades e os acertos do que de mais íntimo rege à educação brasileira e, em especial, à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Ernesto do Rêgo da cidade de Queimadas-PB com os alunos do 3º ano “i” do ensino médio.

Durante a construção do projeto e os levantamentos e diagnósticos do que seria possível de trabalhar dentro das limitações e falta de estrutura comuns às escolas públicas brasileiras, encontramos uma escola em reforma, fragmentada em espaços “emprestados” para alocar as turmas e não interromper o curso letivo. Essa disparidade, em primeiro momento, já serviu como base do enfrentamento que estava por vir, tendo em vista que a realidade encontrada em Fagundes, por exemplo, era de que pelo menos todas as turmas estavam dispostas no mesmo prédio e a soma total dos alunos era bem inferior do que a nova realidade encontrada. A sede da Escola Francisco Ernesto do Rêgo estava em obras e por isso as turmas do fundamental e médio seguiam divididas por anexos ou até mesmo por madeira improvisada como parede em prédios e espaços públicos, passando as aulas do 3º ano a serem realizadas no Colégio Dinâmico Infantil.

Figura 13 – Localização geográfica do Colégio Dinâmico Infantil



Fonte: DIAS, Marcos Antônio Vieira, 2019.

Queimadas era de longe uma cidade de perfil diferente de sua vizinha Fagundes. Promover uma pesquisa que pudesse ajudar os alunos a perceber que a Geografia está presente em cada passo dado ao caminho da escola era mais um desafio, pois não conhecer a realidade dos alunos seria prejudicial para determinados pontos da construção do diálogo em sala. Foi então necessário recorrer ao planejamento, à teoria, e a preparação do terreno se tornou mais fácil, porém de maneira mais lenta, pois é um aprendizado do zero.

Sendo assim, os recursos metodológicos se tornaram ainda mais escassos e as possibilidades de aplicar uma intervenção com uma solidez mais visível foi mais um desafio dessa construção de identidade. É preciso, ao princípio, pensar em como ser um bom educador, não ser apenas uma máquina de reprodução de conteúdo, sem flexibilidade, visando somente a aplicação do projeto para constar em relatório. É preciso buscar ser professor, educador, ser humano. Mostrar sentimento naquilo que faz e gostar do que faz. Saber lidar com os desafios e superar com paciência e de forma não única, mas em parceria com a própria escola. Nessa parceria, surgem as trocas de experiências já mencionadas anteriormente com os demais que formam a escola. Assim, foi indispensável recorrer às orientações da coordenação do subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica e, principalmente, ao professor preceptor da Escola, Mozart Moisés, sobre como reger as aulas e discutir sobre os métodos de avaliação a partir dos diagnósticos obtidos ao observar a turma.

A ideia então era desenvolver uma proposta que tomasse algum significado local, alguma importância significativa para os alunos e a escola. E por que não tratar sobre meio ambiente? A intervenção justificou-se pela necessidade dos alunos perceberem a importância de se preservar o meio ambiente, apesar de parecer um tema muito discutido em Geografia ou Ciências e Biologia. Apesar disso, aproveitando a discussão sobre as queimadas em grande escala que tomaram o norte do país de Agosto de 2019 por meses consecutivos, o projeto ganhou um sentido mais importante para sua aplicabilidade e, de acordo com o artigo 2º da Lei 9795 de abril de 1999, “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”.

Figura 14 – orientações do preceptor Mozart sobre correção de provas



Foto: SILVA, 2019.

Assim, o objetivo principal foi estimular práticas mais sustentáveis aos alunos e mostrar que, mesmo tão distantes da Amazônia, a preservação da nossa floresta, dos recursos naturais e das riquezas locais também é um dever de todos e processo fundamental para que as futuras gerações possam usufruir do que obtemos a partir deles. Além disso, o tema ainda é pertinente para as questões de espaço rural e agrário que compõem o currículo do 3º ano médio.

4.1. Desenvolvimento e aplicação da intervenção

O projeto foi então dividido em três partes durante o bimestre letivo. Na primeira, foi exibida uma oficina de vídeos em sala de aula para que fossem debatidas questões pertinentes ao tema. O diferencial desses vídeos é que não foram simples documentários, mas foram exibidos criadores de conteúdo que simbolizam a representatividade Transexual e Drag Queen

no Brasil, que falam com propriedade sobre as queimadas e os problemas ambientais na Amazônia e desmistificam a marginalização a qual são submetidos.

Além de tratar sobre meio ambiente e preservação, propor um debate sobre gênero, sexualidades e a ocupação dos espaços acadêmicos por essas minorias foi necessário, conforme referencia Safiotti (1987):

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a “superioridade” dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos. (SAFIOTTI, 1987, p. 11)

Poder romper agora com os preconceitos ainda reproduzidos pela geração com menos idade, que está mais próxima das novas tecnologias de estudo e de relação social, principalmente no que diz respeito à redes sociais e entretenimento. A Geografia precisa, então, estudar essas transformações e sua influência no comportamento da sociedade. Cabe ao professor o papel de apresentar esses estudos para seus alunos ao mesmo tempo em que os mesmos estão vivenciando as transformações e sendo apresentados diariamente a novos conteúdos, novos fatos e novos comportamentos. As figuras 15 e 16 mostram a importância de flexibilizar os discursos e aproximar a forma de aprendizagem daquilo que está próximo do dia a dia dos alunos.

Figuras 15 e 16 – Oficina de vídeos e debate em sala durante aplicação de intervenção



Fotos: SILVA, Mozart Moisés, SILVA, Vitória Maria, 2019.

A segunda etapa do projeto ficou estruturada basicamente na construção de um texto em que cada aluno dissertasse sobre a importância de preservação ambiental local e também da Amazônia e fizesse uma pesquisa sobre marcas e empresas que desenvolvem atividades

sustentáveis para fabricação dos seus produtos. Esses textos foram lidos em sala e a questão da produção sustentável de itens corriqueiros em nosso dia a dia foi problematizada por meio de debate participativo. Por último, em terceiro momento, o projeto foi concluído com a elaboração de uma campanha online de conscientização sobre a importância de preservar os recursos naturais, em suas diferentes formas, e também sobre a necessidade da prática da coleta seletiva e da assistência aos agentes ambientais que trabalham com materiais recicláveis. A campanha em redes sociais buscou promover uma atividade lúdica, pois para Santos:

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 1997, p 12).

Juntamente com os alunos, preceptor e o professor Jailton Ferreira Junior, que já trabalha com mídias digitais, propomos a construção de uma arte com texto e imagem a ser compartilhada nas redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter) a fim de culminar o projeto com um alcance à comunidade escolar e também da cidade de Queimadas e circunvizinhas. Dessa forma, integrar o projeto aos outros alunos da escola e ter um alcance que não fosse somente um ponto colorido a inserir no relatório final do que foi desenvolvido no Programa, mas algo que tivesse um significado além, um significado afetivo. A figura 17 apresenta o panfleto desenvolvido pelos alunos:

Figura 15 – Arte compartilhada pelos alunos nas redes sociais



Fonte: FERREIRA JUNIOR, Jailton, 2019.

Assim, considerou-se diagnosticar os fatores que possibilitam os problemas ambientais locais e na Amazônia e ainda provocar nos alunos uma consciência de apoio às minorias, reconhecendo que identidade de gênero e diversidades sexuais não podem de nenhuma forma serem excluídas e alvos de preconceitos. Mesmo com certa resistência de alguns alunos, por questões religiosas ou conservadoras, e a recusa de debater os pontos levantados somente por estarem assistindo um vídeo em que uma drag queen disserta sobre os problemas atuais e também os já ocorridos anteriormente na Amazônia, observou-se a necessidade de uma intervenção dessa natureza. Estimulando a percepção da importância de se cuidar do ambiente geral, local, sanitário e também social; além de consumir de forma consciente.

Desse modo, ao final do projeto, o objetivo principal foi atingido e o consciente coletivo convergido no ponto de foco. E a satisfação em fazer parte disso foi basicamente unânime. A avaliação então se deu de forma contínua, construindo o conhecimento e as percepções aos poucos, e todo o processo de aplicação da proposta fez parte da nota bimestral da turma, acompanhada da prova objetiva e da participação nas aulas em geral. Sousa Neto (2001) defende que “o professor deve ser menos um mero repassador daquilo que se institui como verdade e mais o sujeito capaz de relativizar as verdades” e esse foi o norte de aplicação da intervenção, sempre verificando as condições particulares de compreensão de cada aluno.

E, assim, observando e pontuando pontos positivos e negativos acerca da docência, como construção científica dentro do Residência Pedagógica, o estagiário residente em sua prática escolar deve buscar repetir e/ou corrigir aquilo que em seu parecer foi relevante, construindo uma educação melhor e mais proveitosa não somente para si mesmo quanto para todo o corpo que compõe uma escola e a comunidade em que ela está inserida. Durante a construção e aplicação desse projeto de intervenção, a escola, o professor preceptor e os alunos em geral foram bastante receptivos e solícitos na realização das atividades, condição que permite uma realização mais abrangente do objetivo esperado, mesmo com as limitações da própria estrutura física da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde muito tempo, que consideramos a escola propriamente dita como ferramenta de modelagem da sociedade, os padrões educacionais tanto em sentido de conteúdos quanto de estrutura vêm sofrendo grandes mudanças. Os profissionais da área tiveram sua formação ampliada e modificada (fazendo com que necessitassem de um nível de conhecimento mais alto e amplo), os alunos passaram por transformações em relação ao acesso à educação (gratuidade escolar, cotas, facilidade com transporte, etc.) e as escolas tiveram sua composição alterada. O autoritarismo aos poucos foi sendo extinto, o medo da palmatória foi substituído pelo nariz empinado e as relações pais-mestres, mestres-alunos e pais-alunos foram se tornando cada vez mais líquidas e escassas.

O fazer docente não deve ser algo mecânico. As relações que ocorrem no dia a dia em sala de aula dependem de diversos contextos sociais, culturais, sentimentais, etc., aos quais os alunos e professores são submetidos no decorrer de sua vida. A sala de aula será sempre um ponto de convergência, um reflexo, de manifestações das vivências cotidianas, ainda mais se associada aos conteúdos contemporâneos da Geografia, que abrem margem para diversas discussões das mais variadas áreas de estudo, e ali criando laços de afeto e dividindo as experiências.

A formação do professor também é um processo que depende disso, dessa troca de experiências, desde os estágios supervisionados até as pesquisas mais específicas desenvolvidas em programas como o Residência Pedagógica. Toda e qualquer experiência em sala de aula, como estagiário, contratado ou pesquisador, será de extrema para o aperfeiçoamento e a descoberta de novas contribuições para a construção e formação da sua identidade. A formação continuada e o planejamento sempre serão uma ferramenta de extrema importância nessa jornada.

A Universidade, além de exigir do graduando em licenciatura uma criticidade científica e de motivar a produção e atuação na área da educação, deve interligar as disciplinas de modo que o produto final de formação seja sempre colocado em pauta, pois o currículo montado é o de professor, que pode ser pesquisador, mas ainda irá atuar na educação básica em suas mais diversas faces e será condutor de uma sala de aula repleta de universos.

Obviamente, não se podem ignorar os diversos problemas que o professor enfrenta ao trabalhar com outras pessoas. Não só em sala, mas num contexto geral que vai desde o aluno até o diretor, demais professores e funcionários. Existem regras e limitações, falta de estrutura em seu ambiente de trabalho e até atritos entre os colegas. Querendo ou não, é um fato

presente em muitas realidades. O estresse acumulado por causa de longas jornadas de trabalho, conflitos da vida pessoal e a pressão de não conseguir separar sempre o pessoal do profissional.

É preciso à princípio pensar em como ser um bom educador, buscar desenvolver vocação e não ser apenas uma máquina de reprodução de conteúdo, sem flexibilidade, visando somente a recompensa no fim do mês. É preciso buscar ser professor, educador, ser humano. Mostrar sentimento naquilo que faz e gostar do que faz. Saber lidar com os desafios e superar com paciência e de forma não única, mas em parceria com a própria escola e com as outras instâncias maiores. A educação não se constrói sozinha, tampouco a identidade profissional de cada indivíduo, entretanto, é a identidade apresentada pelo professor em cada turma que será lembrada por todos aqueles que viveram uma aula de Geografia.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, Luciano. **10 lições sobre Max Weber**. Vozes, Petrópolis-RJ, 2016.
- ALVES, Rubem, **Conversa com quem gosta de ensinar**, São Paulo, Cortez Editora, Editora Autores Associados, 1980;
- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 3ª edição, ARS Poética Editora Ltda, 1994.
- AZANHA, José Mário. **Política e Planos de Educação no Brasil**: alguns pontos para reflexão. Cadernos de Pesquisa, n.85. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1993 a. pp. 70-78.
- BARRETTO, E. S. S.; GATTI, B. (Coord.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.
- BELO, E. M; FERREIRA, G. H. C. **A importância da geografia em sala de aula: o desafio de um ensino capaz de formar o cidadão**. Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 2, n. 2, p. 65-82, jul./dez. 2012.
- BONA JÚNIOR, Aurélio. **O ensino de filosofia e o pensamento educacional de Antônio Gramsci**: algumas aproximações. Revista Cavaqueira, ano1, n.1, União da Vitória: FAFIUV, 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. **A formação profissional da geografia: o professor: O conhecimento geográfico e a formação de geografia**. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.
- FOUCAULT, Michel, **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GARDNER, Howard, **Inteligências múltiplas ao redor do mundo**, Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a Educação do futuro**. 4ed. São Paulo: UNESCO, 2011.
- NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **A aula de Geografia**. GEOGRAFARES, Vitória, nº2, jun. 2001.
- NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar oficial do professor**. Campinas, Vol. 25, n.66, 2005.
- PASSINI, Elza Yasuko. PASSINI, Romão. MALYSTZ, Sandra T. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado: Estágio em parceria universidade-educação básica**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena; revisão técnica José Cerchi Fusari. **Estágio e docência: Estágio: diferentes concepções - 7. ed.** – São Paulo: Cortez, 2012.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador – caminhos para uma prática de ensino.** Coleção Educação Popular nº 5. Edições Loyola, São Paulo, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho.** Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses Do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

STOBAUS, Claus Dieter, MOSQUERA, Juan Jose Mouriño, **Educação Especial: em direção à educação inclusiva.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004;

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico.** 10 ed. São Paulo, SP. Libertad, 2000.

BRASIL. **Lei 9795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

GENTIL, Ana Maria Fonsêca, VALIM, Rosangela Alves. Políticas Públicas de Educação e (des) valorização dos profissionais do magistério: breves considerações. Disponível em: www.revistas.uniube.br > Capa > v. 1, n. 1 (2013). Acesso em: novembro de 2019.

PUNTEL, Geovane Aparecida. **A Paisagem no ensino da Geografia.** Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/download/130/85>>. Acesso 16 de nov. de 2019.